

# p palavra

ano 12. número 11. 2022. secc. literatura em revista.

Conto

# Eu e Scherazade

João Anzanello Carrascoza

Naquele tempo, eu não tinha esse rosto nem essas mãos aradas pelas histórias que escrevi, nos meus olhos morria pela manhã o luar que neles entrava à noite, eu era um rascunho e não queria me passar a limpo. Estava resignado a ser uma página mal acabada, não aceitava apagar meus erros, eu fazia questão de atirar as palavras nas costas do silêncio. Eu fugia de mim, como um cavalo de galope, macerando pedras pelo caminho, sem me importar se me feriam os pés a cada passo em falso.

Então, ela apareceu, com aquele enredo todo em seu corpo jovem, e, certamente porque eu me recusava a ler a vida

dos outros – a minha mesma eu sequer soletrava –, não notei, à primeira vista, nem mais tarde, que ela vinha para desafiar a minha compreensão de mundo. Foi um cerco lento, igual à escritura de um texto, uns avanços, muitos retrocessos, a expressão exata para uma narrativa confusa, e eu desconfiado, depois de tantos desencontros, que o destino tivesse ainda algum interesse em mim, que me poupasse de uma nova paixão.

Quando me dei conta, estava preso a ela, que já frequentava minha casa entrando e saindo, descontraída, sem se abalar com as asas negras de minhas queixas nem com o rugido que

ecoava do meu mutismo toda vez em que eu a surpreendia sair do banho e, num gesto natural de pudor, escondia-se na toalha (para, assim, revelar-se plenamente), como quem pretende ocultar o segredo nas entrelinhas de um relato. E justo nas ocasiões em que eu mais me aborrecia – o mundo continuava adverso para mim! –, ela sorria, divertindo-se com a importância que eu dava ao que, na sua ótica, não valia um minuto de aflição.

Seu saber, misterioso, ultrapassava toda a minha longa vivência. Comecei a folheá-la, movido por um ciúme compulsivo, à procura, nas tramas de seu passado, dos momentos felizes

com outros amores, ansioso para revidar, contando-lhe um dos capítulos que eu tinha – bem mais que ela – nesse assunto. Mas sempre que tentava rabiscar com meu desprezo um dos trechos de sua vida ou descrever episódios de minha odisséia sentimental, ela imediatamente saltava para o futuro, dizendo, Vire a página!, pronta a escrever, em águas calmas, os nossos dias vindouros.

Então, nasceu o hábito que provocaria a minha ascensão – e também o meu martírio –, a via-crúcis das noites em que a sua ausência me agulharia a ponto de me sufocar se eu não tentasse despejar no papel uma história em que, discretamente, reproduziria as linhas que o acaso (o acaso?) havia escrito em mim com a sua chegada. Um hábito, a princípio pueril – que recordava meus tempos de menino, à hora em que minha mãe, ajeitando-me na cama, me embalava com canções de ninar –, mas que, enfim, era um dilacerante desafio, a maneira que ela encontrara para me ensinar a me interpretar, sílaba por sílaba. Mal se deitava, fechava os olhos e me pedia,

Lê pra mim, e eu, atendendo ao seu pedido, apanhava o livro à minha cabeceira, fosse qual fosse, abria-o e começava a ler, voltando ao universo represado no papel, à espera de minha voz para lhe soltar à vida.

Demorei a entender que, lendo para adormecê-la, eu despertava a verdade capaz de iluminar meu próprio destino e, noite-a-noite, espantava-me a rapidez com que eu a fazia cair no sono, justo ela que, não raro, passava horas diante da tevê lutando contra a insônia. Por vezes, chegávamos exaustos do trabalho, moídos pelos revezes e, ainda assim, ao repousar a cabeça no travesseiro, ela pedia, Lê pra mim, e eu, depois de percorrer, aos tropeços, umas poucas linhas do livro que ali deixara, já ouvia a sua respiração alterada, indício de que dormia profundamente.

Com a dedicação de um sacerdote, acostumei-me tanto a esse ritual que bastava vê-la vestir a camisola, ou retirar a colcha da cama, para escutar, mesmo sem que movesse os lábios, o seu singelo pedido, Lê pra mim.

E, sem delongas, eu cuidava imediatamente de satisfazê-la com uma leitura pausada, certo do milagre que iria produzir nela e, sobretudo, em meu próprio espírito.

Assim seguimos durante meses, até que, uma noite, uma noite, sem nenhum aviso, ela dormiu, dormiu, dormiu, e ainda não despertou. Não por acaso, agora, sempre quando o sol se esconde, escrevo uma história e a leio em voz alta. É o meu jeito de tentar acordá-la desse sono, mesmo sabendo, claro, que jamais conseguirei.



© Marcos Vilas Boas

**João Anzanello Carrascoza** é autor dos romances que compõem a *Trilogia do adeus*, além de diversos livros de contos, como *Aquela água toda* e *Catálogo de perdidas*. Suas histórias foram traduzidas para o bengali, o croata, o espanhol, o francês, o inglês, o italiano, o sueco e o tâmil. Recebeu três vezes o prêmio Jabuti, quatro vezes o prêmio da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, tornando-se hors-concours, duas vezes o prêmio da Fundação Biblioteca Nacional, o prêmio da APCA e da Cátedra Unesco, além dos internacionais Radio France e White Ravens.